



## O LACAN DE ALAIN BADIOU E A ANTIFILOSOFIA DO DESEJO

### *TALAIN BADIOU'S LACAN AND THE ANTI-PHILOSOPHY OF DESIRE*

DOI: 10.5281/zenodo.15598143



*Fábio Liborio Rocha*<sup>1</sup>

*Eli Siqueira Alves*<sup>2</sup>

*José Roberto Pereira dos Santos*<sup>3</sup>

#### RESUMO

Nossa investigação teórica analisa um Lacan criticado pelo filósofo Alain Badiou, como um antifilósofo, mediando o desejo do sujeito como o desejo do outro. Segundo Badiou o Lacan da antifilosofia começa quando o sujeito supera o antiédipo. Logo, o sujeito de Lacan é incondicionado, promotor do impulso subjetivo que invisivelmente escapou de uma ordem sensória inteira de metas, freudiana. Todavia o desejo no sujeito é único e se emancipou como sujeito narcísico, sujeito como tal. Este o é, em sua própria lei, em sua ausência de lei. Badiou propõe Lacan em sentido ontológico a tarefa antifilosófica de romper com o domínio freudiano da palavra sobre a mente humana ao investigar os enganos linguísticos do sujeito. Ocorre então uma diferenciação entre o desejo de Lacan e o desejo de Freud que aquele assumiu como sujeito de linguagem a partir de seus conceitos de inconsciente. Em Lacan, o desejo do outro pode também ser crível e sabê-lo por mim. Assim, o desejo do homem, é o desejo do Outro. Com efeito, o amor, será o amor do Outro em eterno devir porque segundo Lacan o amor sempre faz signos recíprocos. Para designar esse deslocamento do

- 1 Pós-doutor em Psicologia pela UNB, psicanalista e historiador pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pesquisador Associado do Observatório Brasileiro de hábitos alimentares - OBHA, Fundação Oswaldo Cruz de Brasília. Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9888-1077> E-mail: [liborio.fabio@gmail.com](mailto:liborio.fabio@gmail.com)
- 2 Ph.D. Engenharia e Modelagem Industrial - Aix-Marseille III Université /ULSH/Paris – França (regime cotutela - 2008/2012). Master D' Études Complémentaires. M.Sc. Ciências e Engenharia – UFAM (1996/1998). Especialização em ESG - UFSM/FETAGRI (1994). Formação em Administração de Sistemas - UFRRJ (1992). Graduação complementar em Engenharia Industrial (UTAM). Fez residência acadêmica na Moscow State University (MSU), pesquisador associado na Academia de Ciência da Rússia.
- 3 Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas.





conhecimento do desejo para Freud, Lacan cunhou a linguagem do nome do pai inconsciente, a porta de entrada de sua antifilosofia.

Palavras-chave: Filosofia da Psicanálise. Lacan. Badiou. Desejo. Filosofia. Antifilosofia.

## ABSTRACT

Our theoretical investigation analyses a Lacan criticised by the philosopher Alain Badiou as an anti-philosopher, mediating the subject's desire as the desire of the other. According to Badiou, the Lacan of anti-philosophy begins when the subject overcomes the anti-Oedipus. Therefore, Lacan's subject is unconditioned, the promoter of the subjective impulse that has invisibly escaped an entire sensory order of goals, Freudian. However, desire in the subject is unique and has emancipated itself as a narcissistic subject, a subject as such. It is in its own law, in its lawlessness. In an ontological sense, Badiou sets Lacan the anti-philosophical task of breaking with the Freudian domination of the word over the human mind by investigating the linguistic deceptions of the subject. There is then a differentiation between Lacan's desire and Freud's desire, which he assumed as a subject of language based on his concepts of the unconscious. For Lacan, the desire of the other can also be believed and known by me. Thus, the desire of man is the desire of the Other. Love, in fact, will be the love of the Other in eternal becoming because, according to Lacan, love always makes reciprocal signs. To designate this displacement of knowledge of desire for Freud, Lacan coined the language of the name of the unconscious father, the gateway to his anti-philosophy.

Keywords: Philosophy of Psychoanalysis; Jacques Lacan; Alain Badiou.

## 1. Introdução

Uma investigação ontológica da psicanálise na qual o filósofo Alain Badiou será o comentador de Lacan. Tal investigação ocorrerá em Lacan (1958-1959/ 2002), na obra *O Desejo e sua Interpretação* e em Lacan (1960/ 2005) - *O Triunfo da Religião*. Como comentador, escolhemos Alain Badiou (Badiou & Cassin, 2013, p.66) que será pesquisado, sobretudo em seu livro intitulado de *Não há relação sexual: duas lições sobre "O aturdido" de Lacan*.

O desejo é um termo empregado em filosofia, psicanálise e psicologia, significando a necessidade, a cobiça, o apetite, um movimento – energia (*Ένεργον*), como foi tão cara a Lacan –, em direção a um objeto cuja atração sexual é sentida pelo corpo. Desejo é definitivamente o *désir* lacaniano e o *Wunsch* freudiano, que aqui nos inspiram mediando



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



diferenças apontadas por Badiou, pois esse afirma que o “real, em ‘O aturdito’, pode ser claramente definido a partir da ausência de sentido” (Badiou & Cassin, 2013, p.66).

No Édipo também há desejo, mas não há sentido como podemos entrever em Freud. O Édipo se encontrava freudiano, no momento em que Lacan engendra uma hermenêutica do conflito edipiano deliberando atrair pura e simplesmente o amor do mais potente, quer dizer, do pai. O sujeito esquivava-se tanto mais quanto o seu narcisismo se encontra aí ameaçado, na medida em que recebendo este amor de pai surge para ele uma castração. Foi dessa forma que Lacan (2002) difere de Freud ainda em sua obra *A Interpretação dos Sonhos - I*, Freud (1900/2006, p. 289), quando inferiu sobre os desejos.

“(…) Dele recuamos dele recuamos com toda a força do recalçamento pelo qual esses desejos, desde aquela época, foram contidos dentro de nós. Enquanto traz à luz, à medida que desvenda o passado, a culpa de Édipo, o poeta nos compele, ao mesmo tempo, a reconhecer nossa própria alma secreta, onde esses mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados (...)”.

Nada é tão simplista assim, pensa Badiou. No entanto, Freud foi arqueologia e Lacan é metonímia. Pôs-se numa metonímia engendradora quando duas dadas retóricas (a lacaniana e a freudiana, a saber), produzem um efeito de substituição sobre um tema de equivalente semântica, neste caso, em psicanálise. Lacan segundo White (1973/2008, p.46), concebeu “a metáfora e a metonímia como os ‘polos’ do comportamento linguístico, representando respectivamente os eixos contínuo (verbal) e descontínuo (nominal) dos atos da fala”. Isto aconteceu visando romper com o pensamento científico do séc.XIX de Freud, onde Lacan expressa uma concepção tropológica do discurso não-científico, justamente porque fôra estruturalista. Roudinesco percebe tal postulado quando diz que “preferindo o estruturalismo, voltou-se para Saussure, por intermédio de Jakobson e Claude Lévi-Strauss” (Badiou & Roudinesco, 2012, p.23).

Lacan, subverte, inverte, introjeta, todos os elementos sinedóquicos, tropos ou metonímicos, a serviço de uma crítica em Freud, donde surge sua teoria, segundo Lacan (1958-1959/ 2002, p.120):

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





“(…) No Édipo invertido, quer dizer no momento em que o sujeito entreve a solução do conflito edipiano no fato de atrair pura e simplesmente o amor do mais potente, quer dizer do pai - o sujeito esquiva-se, dizem-nos, tanto mais quanto o seu narcisismo aí e ameaçado, à medida que receber este amor do pai comporta para ele a castração. Isto é assim porque, bem entendido, quando não se pode resolver uma questão, se a considera como compreensível. E o que faz habitualmente, que não é, todavia tão claro assim: que o sujeito liga esse momento de solução possível, uma solução tanto mais possível quanta em parte isso será a via tomada, pois que a introjeção do pai sob a forma do Ideal do eu será bem alguma coisa que se assemelha a isto (...)”.

Badiou parece perceber esta inversão lacaniana quando estabelece um diálogo norteador reafirmando que seria “o impossível, o real no sentido lacaniano, isto é, o que jamais se deixa simbolizar” (Badiou & Roudinesco, 2012, p.30). Badiou tinha esse tema lacaniano em conta. Como comentador de Lacan, Badiou lera profundamente sua obra de 1960, no *Discurso aos Católicos*, e a compreendeu. Quando Lacan diz “vejo Freud, em vida corrente muito pouco como pai. Acho que só viveu o drama edipiano no plano da horda analítica. Ele era como diz Dante em algum lugar, a Mãe inteligência.” (Lacan, 1960/ 2005, p.29).

Mas como era observado o desejo em Lacan? Como *energia*, como pensamos em uma passagem onde Lacan afirma que “a noção de libido, que não é outra coisa senão a energia psíquica do desejo, é alguma coisa, se trata de energia, em que, já o indiquei” (Lacan, 1958-1959/ 2002, p.14). Ora, o termo energia, é originário do grego *ἐνέργεια* e significa a capacidade que o corpo detém de se por em movimento, nos lembrando da cavalgada que Deleuze nos relatava em sua obra *A lógica do sentido*.

Lacan estava se referindo, portanto a relação do homem e da mulher e, justamente no que eles estariam adequados, por habitarem uma linguagem e fazer dessa relação um enunciado. Seria a ausência dessa relação que os exila.





## 1.1 A psicanálise de Lacan: uma antifilosofia do desejo

Devemos entender Alain Badiou quando construiu o seu glossário de filosofia antifilosófica dentro das fronteiras de Jacques Lacan. A ciência, enquanto conhecimento começa em Platão e a antinomia da filosofia ocidental assim decorreu entre o platonismo da alegoria da caverna e o antiplatonismo decorrente deste. De outro modo, no discurso das ciências, bem como na busca do paradigma por Kuhn, o homem perde as suas qualidades para equiparar ao gênero humano àquela cientificidade, visando não destoar da aceitação epistêmica moderna.

Mas, segundo Lacan, a ciência cala por causa da sexualidade, pois esta investe como conhecimento, o único objeto que se avalia pela razão e que também ao mesmo tempo subjetivo e sujeito.

Com efeito, Lacan inverte o conhecimento do sujeito com sua antifilosofia, sendo este sujeito não mais um objeto, como a metafísica hegeliana estava equivocadamente se referindo. Assim, para Lacan, a sexualidade, mesmo na relação do homem e da mulher, e justamente no que eles estariam adequados, habitam sempre uma linguagem para fazer dessa relação um enunciado. Seria a ausência dessa relação que os exila – significado e significante.

Logo, filosofia e psicanálise não são ciências e Lacan reivindica uma qualidade antifilosófica inerente a elas, pois o discurso da ciência também é uma invenção e o homem convém à ciência. Assim é a psicanálise de Lacan, uma antifilosofia da ciência, nos convidando a conhecer o sujeito por outro método e, sendo uma ética, não será nunca uma ciência. A psicanálise de Lacan é, sobremaneira em *O Aturdido*, uma antifilosofia do desejo: o “real”, o desejo próprio, propõe assim uma ausência de sentido, partindo sempre de que uma verdade é sempre o próprio desejo, havendo um suposto saber apenas, um engodo. Esse paradigma gerou um problema de uma academia que se fechou, fazendo Lacan ser excomungado, pois para ele não há apriorismo entre saber e prática. Lacan não usa o mesmo método da ciência, pois a psicanálise é um método em si mesma, como a filosofia. Pelo mesmo motivo, o racionalismo e o organicismo médico não se coadunaram no método da subversão de Freud, feito por Lacan, podendo ele assim subverter a clínica.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



De outro modo, paralelamente a antifilosofia, surgiu também a antipsiquiatria, terminologia da teoria iniciada pelos britânicos David Cooper e Ronald Laing, na década de 1960, segundo a qual a noção de doença mental foi posta em causa. Portanto, uma mudança de paradigma como Thomas Kuhn divulgou, não possui ineditismo na academia. As ciências “moles” devem se adaptar.

Lacan reinventa uma ética para uma mudança de qualidade em psicanálise como podemos entrever em sua obra *O Aturdido*. Ali, o “real” é a ausência de sentido que será o único universal, e é mais forte que a verdade buscada pela ciência, sobretudo por Gadamer em sua obra *Verdade e Método*. Lacan se alia a Lévi-Strauss pela mesma antifilosofia, portanto, sobre a teoria do pensamento selvagem sobre o xamanismo. Esse paralelo surgiu quando interpretamos este postulado de Lévi-Strauss (2008, p.199):

“(...) Pois apenas um doente pode acabar curado, desajustados ou instáveis só podem ser persuadidos. Surge aí um perigo considerável, o de que o tratamento (à revelia do médico, evidentemente), longe de chegar à solução de um distúrbio preciso, sempre respeitosa do contexto, se reduza à reorganização do universo do paciente em função das interpretações psicanalíticas (...).”

Transformar a investigação dos mitos em movimento de imitação do próprio pensamento mítico, isto é, opor o discurso estrutural sobre mitos em dicotomia ao discurso epistêmico, é antifilosófico. Portanto, há verdade ou pretensão científica no xamanismo? Não. Há verdade na psicanálise freudiana? Nem sempre. É esta inversão de valoração da ciência que interessou a Lacan e que nos propomos a investigar como antifilosofia, terminologia de Alain Badiou. Badiou (Badiou, 2002, p.38) disse, portanto que Jacques Lacan exprime essa ideia em seu aforismo famoso: “a verdade não pode se dizer ‘por inteiro’, só pode se ‘meio-dizer’ ”. Lacan não pensa que o sujeito pode vencer ou conquistar, mas sim servir ao seu próprio discurso.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



Por outro lado, pareceu-nos que em Hegel, em sua teoria estética, aborda certas particularidades: o belo na arte e o belo na natureza. Isto significa dizer que Hegel pensava no “verdadeiro” belo e na verdadeira arte. A ‘Verdade’ é assim para ele, uma razão teórica.

Para outros filósofos seguidores ainda do Hegel, como o alemão Gadamer (2008, p.71), a questão da “Verdade” estará imbricada diretamente ao problema da narrativa do sujeito. Nessa vertente de pensamento, o modo de ser de um objeto da arte só se expressa quando falamos sobre ela. O que entendemos por verdade - desocultação das coisas - tem, portanto, sua própria temporalidade e historicidade. Hegel tinha consciência dos males da historicidade. Logo, em todo o nosso esforço por alcançar a “Verdade”, descobrimos que não podemos dizer/escrever tal “Verdade”, sem interpretação e sem resposta, e assim sem o caráter comum do consenso obtido em universal. O mais admirável, porém, na essência da linguagem e do diálogo é que nenhum de nós abarca toda a “Verdade” em seu pensar. A universalização da verdade por intermédio de um consenso dialético fortalece a ideia de verdade sobre um objeto, mesmo que esta possa estar fragmentada por miríades de interpretações particulares. Somente o indivíduo consegue entender particularmente uma verdade, pois seria uma faculdade da razão, no sentido hegeliano estrito, paradoxo com o qual não concordamos.

Em relação a quase verdade de Lacan, Ricoeur (1968, p.46) reconhece que existe um paradigma filosófico em relação à “Verdade”. O conhecimento do objeto possibilita a verdade. Ocorre que há uma ideia de verdade que pela reação da variedade de opiniões, nos convidam a uma crise. Ainda segundo Ricoeur (1968, p.46), é preciso preservar a Verdade. Se nós ouvíssemos Ricoeur (1968, p.44), entenderíamos que o objeto da filosofia é o próprio homem, que possui uma ideia de “Verdade”. Portanto, a “Verdade” é um método absoluto para Hegel. A imagem seja qual seja a tipologia, pictórica, escultórica, teatral ou literária é uma representação estética, visando uma construção na cultura da vida cotidiana, ou mesmo da existência humana.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



Para podermos entender o porquê da imagem ter sido incluída na modernidade como fonte documental para além da fonte textual, nos orientaremos pela obra de Joly (1996, p.42) em *Introdução à Análise da Imagem*, que explora a investigação da mensagem visual fixa, as diversas significações da imagem e as resistências que a imagem pode suscitar, bem como as funções que pode cumprir. A imagem (*imago* mesma) é produzida pelo homem desde a antiguidade até os nossos dias. Ela traz em seu bojo uma significação, uma mensagem. Qual a mensagem que um tragediógrafo grego clássico desejava passar aos seus interlocutores, e como ela revela a relação da identidade em Hegel (1969, p. 478). Devemos nos lembrar da afirmação de Hegel: “[...] *Alles ist mit sich identisch* [...]”, ou seja, “tudo é idêntico consigo”; Hegel está aí ainda apegado aos universais.

Para respondermos a essa e outras perguntas, entendemos que a produção do Belo, bem como a análise da imagem, precisamos dar um tratamento diferenciado a ela como *imago*, sonhos, em Lacan. Pois a imagem será um documento filmico, a imagem visual será seu retrato. Esta discussão de belo nos remete ao seminário 20 de Lacan. O Outro que desejamos é sempre o Outro sexo, pelo qual se realiza a relação sexual em gozo como função do falo. Assim, o significante é a causa do gozo, pois como poderíamos abordar aquela parte do corpo sem este significante? Esta posta então a questão do belo e sua decorrente estética em nosso projeto, sobretudo em Lacan (1972-1973/1985) na sua obra *Mais, Ainda*. Sem dúvida, Quinet (2012, p.65) dissertando sobre o paranoico, afirma que a demanda e o desejo são importantes para a linguagem a partir destes dois objetos pulsionais: a) o sexo e as fezes para a demanda; b) a voz e o olhar para o desejo. Esse pensamento sobre a paranóia, construído por Quinet (2012) se harmoniza com uma tentativa de restituição de uma função paterna falha e nos voltamos para a questão do nome-do-pai. Com efeito, a função do pai, para o sujeito, será a de “pai imaginário”, enquanto é a de ser “autor de seus dias”. Mas em ficção ou em realidade tal fenômeno está ocorrendo em nossa sociedade pós-moderna: o pai como autoridade estruturante da relação sócio-metabólica do capital na ordem burguesa hipertardia no Brasil, como provedor; ou o pai que busca reconstituir os laços afetivos (e

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





familiares) possíveis (a relação do filho com a mãe) depois de uma separação, onde este papel social se encontra obsoleto.

## 4. Método

Tal investigação antifilosófica aconteceu pela obra de Badiou (2002, p.107) *Pequeno manual de inestética* quando afirmou “o que é de fato a ideia do amor em Wenders. O movimento global não passa do estiramento pseudonarrativo desse sítio”. Verdade e totalidade serem incompatíveis é, decerto, o ensinamento decisivo - ou pós-hegeliano - da modernidade. Jacques Lacan exprime essa ideia em seu aforismo famoso: a verdade não pode se dizer "por inteiro", só pode se meio-dizer, assim a única verdade é que não há relação sexual, continuando assim em metade que não se completa com o sujeito em si, mas em imago. Logo, estas ideias de pseudoverdade, presentes em Badiou e Lacan se harmonizam.

## Considerações finais

Em Jacques Lacan, no livro *O Seminário – A Transferência*, a posição feminina é por excelência a «desejante original»; assim, o que é desejado é o desejante no Outro. Para poder ser desejada pelo Outro, é preciso que o desejo ou o que não tem nada a oferecer encontre uma referência no discurso do Outro, só assim é possível tolerar a própria falta, a castração imaginária e perceber-se como desejável. Amar é, portanto, acreditar que esta pessoa tem a resposta à questão existencial do sujeito: «- quem sou eu?».

Outra questão que percebemos na crítica de Badiou a Lacan, demonstra que não há uma linguística pura no amor assim como não há racionalidade aqui. A semiótica de Lacan existe não para dar um sentido à fala, mas para produzir um efeito de sentido. Isto implica em entrar naquilo que Lacan preconiza em sua interpretação psicanalítica do sintoma a partir do equívoco da linguagem. Portanto, recolher os enunciados de mulheres, analisando-os sob a perspectiva psicanalítica de Lacan, é deslocar essa produção de sentido transmitida ao outro cuja função é de ordem do impensado e do sem sentido, para o ato enunciativo onde as mulheres compartilham com o Outro um sentido comum: os efeitos causados pelo amor.





## Referências bibliográficas

- Badiou, A. (1983). *Théorie du Sujet*. Paris: Seuil.
- Badiou, A & Truong, N. (2013). *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins.
- Badiou, A & Roudinesco, É. (2012). *Jacques Lacan, passado presente*. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Difel.
- Badiou, A. (1995). *Ética - um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Badiou, A. (2002). *Pequeno manual de inestética*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Badiou, A. (2013). *Não há relação sexual: duas lições sobre "O aturdido" de Lacan*. Tradução: Cláudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
- Bruno, M. (2004). *Lacan e Deleuze: o trágico em duas faces do além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freud, S. (1900/2006). *A Interpretação dos Sonhos (I)*. In - Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 4 (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1900/2006). *A Interpretação dos Sonhos (II)*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 5 (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Godino, C. A. (2009). *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
- Hegel, G.W.F. (1968). *Vorlesungen über die Philosophie der Weltgeschichte. Erste Hälfte, Band I: Die Vernunft in der Geschichte*. Hamburg: Felix Meiner.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante, 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Joly, M. (1996). *Introdução à Análise da Imagem*. Campinas: Papirus.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



- Lacan, J. (1958-1959/ 2002). O seminário: livro 6: o Desejo e sua Interpretação. Porto Alegre: Publicação não comercial. Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- Lacan, J. (1969-1970/ 2003). O seminário: livro 9: a Identificação. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife.
- Lacan, J. (1972-1973/1985). O seminário: livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1960-1974/2005) O Triunfo da Religião, precedido de Discurso aos Católicos. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1966/1992). Escritos. Rio de Janeiro: Perspectiva.
- Lacan, J. (1956/2003). Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lévi-Strauss, C. (2008). Antropologia estrutural I. São Paulo: Cosac & Naify.
- Quinet, A. (2012). As 4 + 1 condições da análise. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ricoeur, P. (1968). História e verdade. Rio de Janeiro: Forense.
- Safatle, V. (2003). Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise. São Paulo: Unesp.
- White, H. (2008). Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX (tradução de José Laurênio de Melo), São Paulo: Edusp.

*Recebido em: 11/04/2025*

*Aprovado em: 18/05/2025*

*Publicado em: 05/06/2025*

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.2. abr/mai/jun. 2025 – ISSN 2965-2634

*A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)*

